

CAMINHOS: ELAS DA ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS (1949-1969)

SIMONE PINHO DE OLIVEIRA¹; DANIELE BALTZ DA FONSECA²;

¹UFPEL/PPGMP – *simone.aqr@gmail.com*

²UFPEL – *danielefonseca1980@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa doutoral desenvolve-se no PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, e é parte do “Projeto Interdisciplinar de Valorização da Produção Artística Feminina Por Meio da Ciência: as artistas mulheres da Escola de Belas Artes de Pelotas”, financiado pelo CNPq, envolvendo oito PPGs da UFPEL, PPGMP, PPGH, PPGCEM, PPGRH, PPGArtes, PPGAnt, PPGQ, PPGC.

A temática da pesquisa são as mulheres artistas, e o objeto pesquisado são as artistas que passaram pela antiga Escola de Belas Artes de Pelotas - EBA (D. Carmem Trápaga Simões), especificamente no período compreendido entre sua fundação e o início de sua união com o antigo Instituto de Letras e Artes (ILA) da UFPEL, respectivamente entre 1949 e 1969. O objetivo geral é a valorização das artistas da EBA, através do alargamento do conhecimento sobre suas trajetórias e práticas artísticas, uma vez que, são artistas praticamente desconhecidas de ampla parte da sociedade. Especificamente, é interesse da pesquisa, não diretamente às questões de gênero relativas a subalternização das artistas na história da arte, efeito direto do patriarcado, questões epistemologicamente esmiuçadas e amplamente reconhecidas, mas sim, trazer a percepção dessas mulheres, enquanto figuras participantes e centrais desta subordinação histórica, e que tiveram suas vidas e práxis artísticas atravessadas por estes meandros. Para alcançar estes objetivos, miramos nas trajetórias e nas produções artísticas das artistas, seja diretamente por elas e/ou pelos círculos de proximidade, preferencialmente.

Historicamente, entre os séculos XIX e XX, Pelotas viveu um longo período de prosperidade e riqueza, em função da economia saladeril do charque e da indústria-financeira, através do Banco Pelotense. Esta prosperidade refletiu na cultura local, as artes foram cultivadas, fomentadas, os artistas foram prestigiados e promovidos, as artistas jamais gozaram de igual prestígio. Não ao acaso, pois a estruturação da sociedade patriarcal, refletia-se na vida das mulheres e em seu papel social, algo restrito e bem definido, assim, sua educação era voltada ao que esperava delas a sociedade, que tivessem domínio perfeito das prendas domésticas e das boas maneiras, requisitos de uma esposa resignada e de uma mãe amantíssima, completamente diversa da educação dos homens, a quem pertencia o mundo.

Ainda que a sociedade tenha avançado até a criação da Escola de Belas Artes (EBA-1949) nos finais dos anos 40, já meados do século XX, para as mulheres, a evolução social ainda guardava muitas e pesadas amarras. Nos anos dourados do recato, da moral sexual, da moça de família, permanecia na sociedade a expectativa de que, o caminho “natural” de vida das jovens, era que encontrassem um “bom” marido e que se dedicassem a sua família, contribuindo para o bem estar social. Uma mulher tornar-se artistas neste contexto era complexo, o desprestígio em função do histórico e contínuo negligenciamento sofrido por elas ao longo da história da arte, fruto da estruturação social

estabelecida pelo patriarcado, levou a profundos reflexos na vida das artistas pelo mundo, e não só na história da arte, mas também na história social e política de forma ampla.

Assim, as artistas foram subalternizadas, invisibilizadas, o que inviabilizou sonhos e desejos, as artes eram franqueadas aos homens artistas, eles foram a referência. As artistas, ainda que suas obras estivessem entre coleções, estavam ausentes das exposições e do sistema das artes, mesmo, como dito por Fajardo-Hill (2018), que ao longo do século XX elas tenham sido fundamentais na elaboração das linguagens artísticas, permaneciam à margem dos circuitos de arte que serviam de referência ao meio artístico, logo, se não estavam lá, elas não existiam.

Neste processo, pouco importava o quão boa fosse a artista, mesmo excepcional, passaria indelével no meio artístico, podendo, eventualmente, ser inclusive vista como uma ameaça entre os seus iguais, lembremos o desdém sofrido por Chiquinha Gonzaga¹ no meio musical. Igualmente o descrédito que passou a escultora Julieta de França², em seu retorno ao Brasil, após frequentar a *Académie Julian* e o *L'Institut Rodin* em Paris, de expor no *Salon des Beaux-Arts de Paris* 1904, onde nada mais, nada menos, sua obra foi comparada a de Rodin pela crítica parisiense.

Como bem disse Virginia Woolf (2021) no início dos anos 30 do séc XX, as mulheres teriam que matar muitos fantasmas e topa-se com as rochas em suas vidas profissionais e apesar de toda a luta desde então, parece-nos sempre longe de terminar. Não há também como não lembrar Simone de Beauvoir (1949), que há 75 anos, no exato ano da criação EBA escreveu sobre a construção social de opressão e subjugo das mulheres, afirmando que nossos direitos não são perenes, qualquer crise seria suficiente para que os direitos das mulheres fossem questionados, o que vemos na história recente, ser uma verdade atualíssima.

Desta forma, vemos justificada a pesquisa, diante do constante descrédito e ocultamento das artistas do sistema das artes e conseqüentemente, na própria história da arte, algo marcadamente visível em Pelotas e região, quando ao se falar de arte, somos guiadas “aos” artistas que por aqui passaram, ignorando-se as artistas da EBA, mas não só, igualmente, ignora-se as que estudaram arte em outras instituições e as autodidatas. Perde a cultura, perde a sociedade de conhecer e promover estas resilientes mulheres, que contrariamente a um sistema social que as excluía, seguiram seu desejo de viver a arte e de criar.

2. METODOLOGIA

Metodologicamente, para além da pesquisa em fontes documentais, lançamos mão da memória narrativa como fonte, utilizando a história oral como meio de conhecer as histórias de vida dessas artistas, após sua passagem pela EBA, e assim também suas obras. A coleta dos dados das memórias de expressão oral das artistas e/ou de outros colaboradores, acontece através de conversas, e têm sido gravadas de forma presencial ou via Internet, em áudio ou áudio/vídeo, dependendo das especificidades de cada caso. As gravações são

¹ Ver em “Mulheres do Brasil: a história não contada (REZZUTTI, 2019)”;

² Ver em op. cit.

a base para a elaboração do texto final. Para o registro das obras, temos utilizado fotografia em alta resolução.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa cobriu seu primeiro ano, neste período, se soube do paradeiro de diversas artistas, o que teve como complicador, a alteração de sobrenomes em função do matrimônio. Igualmente, foram realizadas entrevistas que trouxeram conteúdo relevante sobre as trajetórias das artistas, uma grande quantidade de obras foi localizada, das quais, grande parte já foi fotografada. O cruzamento de dados trouxe informações importantes, completamente inesperadas e desconhecidas, que certamente trarão uma nova perspectiva sobre determinados fatos.

Aqui, traremos alguns dados iniciais, o primeiro, é que as mulheres foram a maioria dos alunos da EBA no período que a pesquisa cobre. Uma boa parte das artistas formadas nas turmas iniciais infelizmente já faleceu. As artistas, mesmo após uma vida produtiva e dedicada às artes, ainda hoje, são pouco conhecidas da sociedade pelotense.

Observamos que muitas alunas da EBA não completaram seus estudos, ou posteriormente abandonaram a arte, por longos períodos ou definitivamente, entre as razões mais presentes estão o matrimônio e os filhos. Igualmente chamou atenção, é que para os alunos a EBA era um centro de formação artística, eles seriam artistas. Para elas, as alunas, voltava-se, ainda que informalmente, à área educacional ou à formação social, tanto quanto às aulas de piano, fazia parte de uma boa educação nas artes.

Estes são de forma geral dados levantados até o momento.

4. CONCLUSÕES

Entendemos que ampliar o alcance do conhecimento sobre as vidas e obras dessas artistas é algo de extrema importância para a arte e a cultura, especialmente a pelotense. Nos encaminhamos para um quarto do século XXI, não podemos mais prescindir deste conhecimento, e seguir colaborando com os efeitos que o sistema social patriarcal gerou na história da arte, ocultando, subalternizando, desprestigiado as artistas. Lastimavelmente, grande parte do grupo de artistas, as que vieram primeiro e se dispuseram a desafiar os padrões, já não podem, com suas palavras, nos dizer como foi seu caminho, sua trajetória, só podemos saber por terceiros e em documentos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, S.D. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

FAJARDO-HILL, C. A invisibilidade das artistas latino-americanas: problematização práticas da história da arte e da curadoria. In.: FAJARDO-HILL, C. e GIUNTA, A. (curadoria e textos) Mulheres radicais: arte latino-americana, 1965-1980. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018. Cap. 1, p. 21-27.

REZZUTTI, P. Mulheres do Brasil: a história não contada. São Paulo: LeYa Brasil, 2018.

WOOLF, V. Profissões para mulheres. In.: WOOLF, V. Profissões para mulheres e outros ensaios. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. Cap. XIII, p. 136-146.